

A. Latina pagou ao exterior US\$ 73,5 bilhões em três anos

por Aloor Barbosa
de Santiago

Nos últimos três anos, a América Latina transferiu para o exterior US\$ 73,5 bilhões, em consequência do pagamento de juros da dívida externa e dos dividendos de investimentos estrangeiros. Os dados são da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e realçam o dramático processo de ajuste econômico imposto à região no período. Só de juros líquidos e dividendos foram pagos, entre 1982 e 1984, US\$ 109,3 bilhões. O ingresso líquido de capital, no período, foi de US\$ 36 bilhões. O Brasil, isoladamente, pagou US\$ 35,9 bilhões, com uma transferência líquida de US\$ 14,6 bilhões.

Ontem, em Santiago do Chile, os técnicos da CEPAL voltaram a insistir na necessidade de revisão do atual esquema de ajuste econômico dos países latino-americanos, no semínário promovido por quatro instituições internacionais: Organização dos Estados Americanos (OEA), CEPAL, Banco Mundial (BIRD) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Conforme realçou o diretor de desenvolvimento econômico da CEPAL, Andres Bianchi, a América Latina tornou-se uma região exportadora líquida de recursos (ele considera que a expressão "exportação de capital" não se aplica à região, pois não haverá retorno para o dinheiro que saiu), embora seja extremamente carente de capital. E sem uma revisão do processo de ajuste econômico, os povos latino-americanos continuarão sofrendo gravemente os seus efeitos.

Bianchi considera que um processo "positivo" de ajuste deveria ter três vetores principais: 1) aumento das exportações para viabilizar mais importações e crescimento do Produto Interno Bruto (PIB); 2) redução dos juros internacionais; e 3) reativação das operações financeiras bancárias a nível internacional. Até agora, especialmente entre 1981 e 1983, o ajuste foi feito de uma forma que Bianchi considera "negativa", pois obtido através de uma queda nas importações e no PIB. Em 1984, houve uma ligeira melhora, na medida em que as exportações e o PIB

voltaram a se expandir. Em 1981, a América Latina comprou no exterior um total de US\$ 95,8 bilhões e, em 1983, apenas US\$ 54,7 bilhões (uma queda, portanto, de 42,9%), subindo para US\$ 56,9 bilhões no ano passado. As exportações foram de US\$ 93,8 bilhões, em 1981, e de US\$ 95 bilhões, em 1984.

O Produto Interno Bruto consolidado, por sua vez, ficou estagnado (entre 1981 e 1983, caiu 2,3%, e aumentou 2,6% em 1984), enquanto o PIB per capita acumulou uma contração de 8,9% em quatro anos (de 1981 a 1984). Em 1984, o PIB da América Latina foi de US\$ 338 bilhões (dólar a preço constante de 1970), o mesmo nível que a região havia alcançado em 1980. Em termos per capita (quantidade de bens e serviços dividida pela população), cada latino-americano produziu, em 1984, o equivalente a US\$ 901 (dólar a preço constante de 1970), o mesmo nível de 1977.

Para 1985, Bianchi apontou como um aspecto auspicioso a sensível queda dos juros internacionais. No ano passado, a Libor média oscilou em torno de 11,2% e, para este ano, ele estima

que essa taxa vá ficar em 9,2%, em média. Essa redução de 2 pontos percentuais nos juros permitirá uma "economia" de US\$ 5,2 bilhões nos desembolsos para o pagamento de juros da região. A dívida externa consolidada do continente é de US\$ 360 milhões, dos quais 72% foram contratados a juros flutuantes. Bianchi defende que essa "economia" deveria ser utilizada para ampliação das importações e maior crescimento do PIB.

Ricardo Cibotti, diretor de planificação e coordenação econômica da CEPAL, reafirmou que os países da América Latina precisam continuar crescendo para minorar os problemas sociais. "Nós, da CEPAL, consideramos que o crescimento econômico é uma questão interativa. Entendemos que só assim será possível pagar a dívida externa."

Nem Bianchi nem Cibotti estão otimistas com as perspectivas para a região a curto e médio prazos. Cibotti disse que as distorções peculiares da América Latina continuam gritantes e se acentuaram durante o período de ajuste econômico.